



Imaginário e sentido na aprendizagem: uma experiência com crianças através da construção de histórias

Imaginary and meaningful in learning: an experience with children through story building

Marta Matos
Universidade Fernando Pessoa

Resumo

O presente trabalho pretende descrever e reflectir sobre os fundamentos de uma experiência de intervenção psicopedagógica através da construção de histórias com crianças do 1º ciclo do ensino básico, *Letras com Tretas*, concebido pela associação Ar Evento e implementado sob a égide do Pelouro da Educação da Câmara Municipal do Porto, que teve por objectivos promover o gosto pela leitura e a escrita e desenvolver uma metodologia lúdico-pedagógica estimulante da experiência e criatividade da criança e do professor, revivificantes da aprendizagem e educação para a cidadania, e que animam a interrogação cada vez mais actual: uma Escola *para quê?* *Palavras-chave:* criatividade, psicopedagogia, invenção de histórias, experiência, Filosofia da Educação

Abstract

The present work aims at describing and making a reflection about the foundations of an experience of psychopedagogical intervention through the making up stories with primary school children, *Letras com Tretas*, conceived by the association Ar Evento and implemented under the aegis of the Oporto City Council Education Commission. Its purposes were to promote the enjoyable act of reading and writing, as well as developing a recreation and teaching methodology stimulating the children's (and the teacher's) experience and creativity and at the same time invigorating learning and education for citizenship, which make the progressively present question: A School For What?

Keywords : creativity, Psychopedagogy, making up stories, experience, Philosophy of Education.

A Educação e o Mundo: onde fica a Escola?

Sendo a nossa área de formação e prática profissional, a psicologia clínica, e também com diversas ligações à área da criatividade e artes, o presente trabalho na área da psicopedagogia afigura-se uma oportunidade deveras estimulante para repensar uma experiência realizada com crianças há alguns anos.

Trata-se de uma reflexão retrospectiva a partir de um projecto pedagógico desenvolvido no 1º ciclo do ensino básico (6-10 anos).

Não fora também a minha experiência como docente no ensino superior, para afinal de contas tornar ainda mais premente uma reflexão sobre a Escola e a Educação, ou a Escola *na* Educação.

Como é sabido, há muito se debate sobre o que poderíamos chamar o “estado da escola”, espécie de sintoma que ciclicamente reemerge na consciência política e social; tanto aparecem as inquietações que interrogam o sentido da própria escola enquanto instituição de ensino, como aquelas que se defrontam com os problemas de comportamento dos alunos, para além da aprendizagem. Algumas análises apontam as discrepâncias entre a cultura que as crianças trazem para a escola e aquela que a escola lhes pede para assimilar. Ora, se em larga escala o ensino visa a aprendizagem do conhecimento, em que medida tal desígnio é suficientemente estruturante da educação?

Uma primeira hipótese ou intuição de resposta a esta questão, é que parte desse resultado reside na abordagem de transmissão do conhecimento, ou seja na pedagogia ou metodologia, não sendo suficiente inculcar conteúdos a qualquer preço. A abordagem pedagógica veicula até certo ponto a transmissão do conhecimento no quadro de uma relação professor-aluno, que dessa forma preserva ou contribui para a formação de valores de natureza social e ética fulcrais à vida em comunidade e que os antigos gregos concebiam como racionalidade moral-prática baseada na experiência e que designavam sabedoria (cf. Diniz, 2014).

A aceleração das mudanças na sociedade de hoje conhece um ritmo exponencialmente grande, decorrente dos avanços científicos e das novas tecnologias de comunicação associadas ao fenómeno da globalização. Novos problemas de regulação socioeducativa se colocam assim à escola e à família; mais amplamente, a evolução deste mundo pós-moderno deixa a desejar do ponto de vista comunitário e da paz, com a não preservação dos direitos fundamentais da vida humana, da natureza ambiental, etc., sinais de uma evolução civilizacional que parece desligada do progresso a nível científico e tecnológico. Apesar das relações complexas e não lineares entre estes dois níveis de evolução - o educacional e o civilizacional - não reside aí um paradoxo que nos questiona?

Em primeira instância, o mundo começa em casa, na vida social, cultural, na escola, pequenos mas significativos espaços de interacção primordial, logo de primeira ambiência política e de identificações que

modelam o carácter. Nessa escala de exercício do político em que mergulha o nosso quotidiano, vida social e profissional, é responsabilidade nossa reflectir sobre o sentido de todos eles, *o que* e *como* propomos e inculcamos nas nossas acções e intervenções.

Na sua esfera de acção imediata, a escola “não pode mudar o mundo”, mas no horizonte mediato de longo curso, questionamos, como está a Escola para o mundo? Onde estão os Mestres?

Metodologia criativa e criação de sentido

Passamos a descrever a acção pedagógica realizada com as crianças e professores do 1º ciclo, orientada pela questão de fundo, que é a do sentido da aprendizagem.

Desenvolvendo, em diversas fases e contextos, projectos de acção educativa e cultural, a associação Ar Evento colaborou no projecto municipal “Porto de Crianças”, da responsabilidade do Pelouro da Educação da Câmara Municipal do Porto. No quadro do 1º ciclo do ensino básico, a iniciativa reúne múltiplas entidades associativas, culturais e artísticas da cidade que intervêm com propostas que mobilizam os recursos humanos e criativos das crianças e professores no sentido de enriquecer a metodologia pedagógica nesta fase basilar da escolarização. Animar, de uma forma diferente e envolvente, a experiência das crianças e professores em sala de aula, reflecte-se, tanto na aprendizagem, como na relação da criança com a escola e com os outros. As actividades do projecto foram adequadas aos objectivos do plano curricular, e através duma metodologia de intervenção interdisciplinar, incrementaram-se experiências de “campo” para fomentar o sentido vivencial e o lugar activo da criança na aprendizagem dos conteúdos, contribuindo assim para o seu desenvolvimento psíquico e socio-cultural.

Letras com Tretas, constitui uma das vertentes do projecto desta associação que criou uma metodologia de estimulação da leitura e escrita, aplicada em articulação com as áreas Língua Portuguesa, História e Educação Visual, em turmas do 1º ao 4º ano. Dinamizando um ambiente estimulante, foram introduzidos jogos de escrita. Cada letra do abecedário funcionava como um guião, cada turma trabalhava uma ou duas letras com o professor ao longo do ano lectivo, de forma transversal a essas áreas disciplinares e aos conteúdos curriculares.

Cada letra impulsionava a (1) exploração de vocabulário da Língua em geral, e mais especificamente nomes de personalidades, monumentos, tradições e outros elementos do património artístico, histórico e cultural; (2) paralelamente, as crianças realizavam visitas guiadas pela cidade do Porto de forma a vivenciarem um contacto directo com tais conteúdos e temas, assim como trabalho de pesquisa (bibliográfica, digital) sobre os mesmos; (3) na terceira etapa, animaram-se sessões para a invenção de histórias com a turma e o professor, numa abordagem lúdica e comunicativa, estimulante da liberdade da palavra e do fantasiar, do humor, da poesia, e mesmo da dramatização. Era notório o entusiasmo da maioria das crianças ao experienciarem essa liberdade, em misturar o documental (base temática para a história), com o imaginativo e ficcional. A animadora

disponibilizando a sua abertura e curiosidade à expressão das crianças, não pôde deixar de observar, questionar e transformar-se pela surpreendente descoberta que advém da experiência. Depois de cada história inventada em grupo, através das intervenções faladas pelas crianças, numa espécie de “brainstorming”, e que por vezes culminava espontaneamente num jogo de dramatizações muito vivido e prazeroso. No final, a animadora reconstituía a história, de forma a devolvê-la às crianças com um fio condutor e a apoiar uma versão mais construída para a redacção escrita individual.

Depois, em casa, (4) cada criança redigia a sua versão da história, e muitas vezes, juntava aí a ilustração pelo desenho. Um aspecto surpreendente foi também a diversidade de versões escritas em cada história! Com efeito, a criatividade e subjectividade de cada pequeno autor colmatavam as lacunas, de forma a estabelecer uma compreensão lógica e narrativa. Cada criança compartilhava a sua história numa leitura em voz alta com a turma e o professor, e eventualmente numa sessão complementar com o animadora das sessões.

(5) Todo este material de textos e desenhos era compilado em cada turma, dando lugar a pequenos “livros” colectivos, e no final de cada ano lectivo todos os trabalhos eram apresentados numa larga exposição.

Entretanto, alguns elementos do processo desenvolvido com o corpo docente são referidos a seguir. Primeiro, importa salientar que os projectos lúdico-pedagógicos e formativos (eles próprios escrutinados em concurso público, pela CMP) eram apresentados à escolha dos professores dentro das múltiplas opções instituídas pelo pelouro da educação, o qual na época era dirigido pela doutora Alexandra Grancho. Este aspecto é salutar, longe de uma política impositiva junto do docente, seu lugar e estatuto. Junto dos docentes que escolheram o projecto *Letras com Tretas*, os objectivos eram trabalhados directamente em torno das sessões; e, por outro lado, paralelamente, também se organizaram com os professores acções formativas, estas mais direccionadas para o seu desenvolvimento pessoal e global. Aqui a abordagem destas sessões, baseada em jogos, dinâmicas e exercícios, orientava-se no seu conjunto para a criatividade imaginativa e a reflexão falada e escrita, e solicitava no final uma avaliação crítica (*feed-back* da experiência).

Em resumo, o público-alvo de *Letras com Tretas* foi constituído não só pelas crianças, como também pelos professores participantes, sendo por isso um projecto que se pretende formativo e integrador de alternativas a nível pedagógico e educativo, e que possam ser sustentadas pelo docente no futuro.

A utopia move a esperança. Não é da falta ou falha da Utopia de que se fala na pós-modernidade?

A importância da Palavra na educação

“Muitas crianças têm dificuldades de aprender por não terem sido bastante estimuladas a falar antes da sua entrada para a escola; deve-se-lhes permitir as perguntas, deve-se-lhes ensinar a conversar e a expor as suas ideias”,

assim escreve o pedagogo e psicanalista, João dos Santos (1982, p. 53). Neste trecho de um dos seus inúmeros textos sobre educação, o autor ressalva a importância da palavra para o desenvolvimento da aprendizagem e da imaginação, assim como a sua conjugação temática à expressão pelo desenho, do jogo, e da escrita. Sublinha também a junção entre essas modalidades de expressão – oral/escrita/gráfica —, através “do mesmo tema, para que a criança ligue melhor o seu pensamento aos símbolos gráficos que a escola ensina” (p. 53). Esta articulação, aparentemente não constitui novidade nos métodos do 1º ciclo, me dirão, porém acreditamos que é no plano da interação e comunicação falada com as crianças que se abrem mais condições de tal ligação operar nas suas mentes e criatividade.

Entende-se desse modo como a abordagem comunicativa funciona como um organizador de ligação psíquica entre a atividade cognitiva e o desenvolvimento como pessoa humana, ademais num contexto em que com a ingressão na escola primária, a repressão da fantasia começa a impor-se e, nalgum grau ou medida, a criança se vai inibindo.

Os autores mais críticos e lúcidos da filosofia, sociologia e pedagogia alertam para os riscos de um sistema escolar e educativo essencialmente reprodutor de adaptação normativa. A alienação ao consumo, aos média e às tecnologias, geradores de insidiosa obediência e passividade, veiculam, enfim, o silenciamento do pensamento, visando a produção de indivíduos produtivos, eles próprios funcionando como máquinas no sistema económico capitalista, progressivamente mais neo-liberalizado (cf. Kecchikian, 1993; Rodari, 1993).

Ora, a abordagem que defendemos junto das crianças assenta na relação entre o lúdico e o lógico-racional, estimulando a livre expressão da imaginação e da palavra, por meio de uma comunicação vivida com autenticidade e prazer espontâneo. Sustentamos que a liberdade de expressão, aliada à transmissão do conhecimento, combatem a ignorância e o preconceito, incitam ao pensamento crítico e a uma criatividade transformadora.

Desde a Paideia, na Antiguidade, que a Educação valoriza não só um conhecimento de natureza teórica e técnica, como a sabedoria, enquanto racionalidade moral prática associada à experiência das virtudes (eg. conhecimento de si mesmo, autocontrolo). Nesta perspectiva, a educação implica a formação de valores éticos fundamentais (cf. Diniz, 2014; Steiner, 2003). Assim sendo, a relação mestre-discípulo, assente na confiança e verdade, é nuclear.

Sobre a mesma distinção e conjugação entre transmissão teórica e acção educativa de envolvimento humana, convergem as palavras de João dos Santos (1982), que citamos em guisa de uma síntese: “A educação pode ser encarada como um fenómeno cultural que orienta o diálogo com o educando e com os outros educadores, mas a acção educativa deve sempre basear-se na relação espontânea, afectiva e instintiva.” (p.52).

Notas finais

A acção da escola é mediata e de longo termo, pois ela é real e concreta... Quais os limites do seu impacto na estruturação para a cidadania? Haverá novas configurações e limites (eg. público/privado; escola/família; etc.) com que se defrontam as sociedades de hoje e que ultrapassam este artigo. Contudo, preferimos continuar a pensar que a escola deve pensar *a educação para o mundo*, numa transmissão do conhecimento ancorada numa matriz comunicacional e relacional com as crianças e jovens. Sem esta, a função educativa da escola parece ameaçada. Por conseguinte, o professor deve ser um *animador do conhecimento*, e por essa via, um elo de ligação da comunidade com o aluno, e do aluno para a comunidade. A sua espécie de testemunho, marcado não pela perfeição mas pela autenticidade junto do público de crianças ou jovens, pode ser mais difícil, mas por isso mesmo mais necessário nas sociedades de hoje.

Na medida em que a escola preservar ou conseguir recuperar a sua capacidade de estabelecer-se como elo de ligações, aí ela poderá assegurar uma função educacional na comunidade, muito concretamente naquele grupo de crianças ou jovens do presente que se faz futuro.

Referências

- Diniz, D. (2014), Reflexões sobre o ato de educar: educação e humanização. In Educação Pública. Retrieved from: <http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/reflexoes-sobre-o-ato-de-educar-educacao-e-humanizacao>
- Dos Santos, J. (1982-1983). Ensaios sobre Educação Vol. 1 - A criança quem é? ; e Vol. 2 : O falar das letras. Lisboa : Livros Horizonte.
- Freud, S. (1915, 1985). L'inquiétante étrangeté. In L'inquiétante étrangeté et autres essais. Paris: Gallimard, pp. 209-263.
- Freud, S. (1929, 1973). Malaise dans la civilisation Paris: PUF. 4e. ed.
- Kechikian, A. (1993). Os Filósofos e a Educação Lisboa: Colibri.
- Menéres, A. (2003) O poeta faz-se aos 10 anos. Porto: Asa. 6ª ed.
- Rodari, G. (1993). Gramática da Fantasia. Introdução à arte de inventar histórias. Lisboa: Caminho. 4ª ed.
- Steiner, G. (2005). As lições dos Mestres. Lisboa: Gradiva.
- Winnicott, D. W. (1975). O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago.

Agradecimentos

Agradeço a Jorge Taxa Praça as suas preciosas e estimulantes contribuições em Filosofia.